

© Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

© All rights reserved.

NÔ EM PORTUGUÊS

Para Armando Martins Janeira, o *nô* «contém a mais bela poesia da literatura japonesa, e alguma da mais bela poesia do mundo.»¹ A sua homenagem a este teatro é feita através da tradução de três peças no seu livro simplesmente intitulado *Nô*, onde descreve numa minuciosa introdução todo o evoluir histórico de uma arte que, com pena sua, pouca curiosidade despertou no leitor europeu: «Porque este, alheio a essas veias ricas da criação do espírito japonês, quase se tem limitado a degustar alguns exemplos refinados da poesia curta do *haikai* e do *tanka*. Foram estes os que Wenceslau de Moraes nos revelou, e quase sempre com bem pouca exactidão.» Janeira admite que é difícil exprimir uma larga gama de emoções nestas formas curtas da poesia tradicional japonesa, com lugar para apenas 17 sílabas, no caso do *haikai*, e 31 sílabas, no caso do *tanka*. No entanto, reconhece nos *haiku* de Bashô, por exemplo, todo um leque de sentimentos puros que nenhum outro poeta conseguiu igualar.

O *nô* surge como um género poético mais profundo e inspirado: «As peças *Nô* são obras desenvolvidas, com um entrecho, tratando um tema completo.» Os três poemas que Janeira traduz nesta obra são, a seu ver, o que de mais belo encontrou traduzido da literatura japonesa, e deixa-se encantar totalmente pelos «infinitos mistérios e complexas regras do *Nô*», palavra que significa “talento”.

O *nô* é um drama lírico, de ordem religiosa, que surgiu no início do século XIV, provavelmente na corte dos últimos xoguns de Kamakura. Armando Martins Janeira não pôde deixar de apreciar esta arte representada nos palcos do Japão enquanto ali viveu. Essa experiência permitiu-lhe ver a arte como um todo, do papel à interpretação, ao bailado e à mímica, e aperceber-se mais facilmente do ritualismo, da religiosidade e da espiritualidade que impregnam estas obras: «Há uma linguagem de símbolos convencionais que o tornam completamente inteligível apenas a uma audiência conhecedora: por exemplo, o bater dos pés pode significar preito aos deuses; o leque, conforme é movido, será uma espada, um escudo, a indicação de lágrimas ou alegria, o

¹ Todas as citações são de Armando Martins Janeiro, *O Teatro de Gil Vicente e o Teatro Clássico Japonês*, Portugália Editora, Lisboa, 1967

voo das aves, o copo de *sakê*, o sopro da brisa, a vista da paisagem distante ou da lua, etc.»

Treze anos após a publicação de *Nô*, Janeira traz-nos um estudo comparativo sobre *O Teatro de Gil Vicente e o Teatro Clássico Japonês*, estudo de grande valor, infelizmente esquecido, sobre a arte de Gil Vicente. Armando Martins Janeira dividiu o livro em duas partes: na primeira, as suas considerações; na segunda, uma reedição integral do seu *Nô* publicado em 1954, enriquecido com outras três peças *nô* e três *kyogen*.

Não há espaço para a sátira na poesia pura do *nô*. Mas já o *kyogen* se debruça nela e na ironia: a finalidade é fazer rir e aliviar o público da tensão criada pelo espectáculo do *nô*. A ironia do *kyogen* é expressa por palavras simples, sem elaboração de frases subtis. Como o *kyogen* é muito curto, tem tempo apenas para desenvolver uma anedota, mas a forma cénica não deixa de ser altamente elaborada.

Enquanto tradutor, Janeira reconhece que a tradução é sempre uma tolerada traição ao original. Maior ainda será quando se trata de duas línguas tão distantes como o português e o japonês.

A tradução é uma actividade artística que, para ser bem executada, precisa da profundidade e, mais ainda, da consciência de um verdadeiro criador de linguagem. De outra forma, a mensagem do pensamento humano não pode ser transmitida. É claro que a tradução técnica é cada vez mais mecanizada e generalizada e por isso não pode nunca encerrar o mesmo sentimento que a tradução literária. Pois a literatura é um veículo de expressão do próprio homem e da individualidade de cada ser. Utilizando a tradução de forma artística chega-se a uma forma aproximada do original. A total equivalência é impossível. Ora, um bom tradutor não será nunca um traidor, mas um bom actor. Nesse sentido, Armando Martins Janeira foi também um grande actor.

Paula Mateus

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, sob qualquer forma ou por qualquer processo, sem a autorização prévia e por escrito dos herdeiros de Armando Martins Janeira, com excepção de excertos breves usados para apresentação, divulgação e/ou crítica do site e/ou da vida e obra de Armando Martins Janeira.

No material available from Armando Martins Janeira site may be copied, reproduced or communicated without the prior permission of his Family. Requests for permission for use of the material should be made to info@armandomartinsjaneira.net.